

OBRA DE RAPAZES, PARA RAPAZES, PELOS RAPAZES

Quinzenário — Autorizado pelos CTT a circular em invólucro fechado de plástico — Envoi formé autorisé par les PTT portugais — Autorização N.º 190 DE 129495 RCN

19 de Março de 2005 • Ano LXII • N.º 1592

Preço: € 0,30 (IVA incluído)

Propriedade da OBRA DA RUA ou OBRA DO PADRE AMÉRICO

Fundador: Padre Américo • Director: Padre Acílio • Chefe de Redacção: Júlio Mendes C. P. N.º 7913
Redacção, Administração, Oficinas Gráficas: Casa do Gaiato — 4560-373 Paço de Sousa • Tel. 255752285
Fax: 255753799 - Email: obradarua@iol.pt — Cont. 500788898 — Reg. D.G.C.S. 100398 — Depósito Legal 1238



Páscoa

ESTE número d'O GAIATO chega aos olhos do teu coração no Domingo de Ramos.

Começa a Igreja a celebrar a Páscoa do Senhor, que a Vivê-la deve ser o seu quotidiano.

Neste dia aparece, de relance, a vitória de Jesus e a Sua aclamação por jovens e crianças. É como o sinal da vitória que Cristo havia de trazer sobre toda a espécie do mal que aflige ou mesmo, em muitos casos, envolve a humanidade.

Foi uma aclamação efémera como todos os aplausos humanos. A vitória definitiva, essa, sim, que ainda perdura e jamais alguém ou alguma força terá poder sobre ela.

Cristo ressuscitado é a maior demonstração de poder que jamais poderá passar pelo entendimento de qualquer ser inteligente.

Uma vitória definitiva, eterna!... E com tal força que arrasta atrás de si todos os que n'Ele foram baptizados, acreditam e vivem.

Elé que quis tomar sobre Si toda a humanidade, de todas as idades e génesis, põe sobre nós, pelo Seu desígnio e chamamento, os homens actuais, sobretudo os pecadores e os que sofrem consequências das terríveis injustiças: — os pobres e indefesos como as crianças, os ignorantes e os fracos.

Carregamos, sim, o Seu sofrimento, e para o fazermos melhor, também amamos a pobreza com devoção.

Por eles sofremos até ao fim, configurando-nos desta maneira com aquilo que somos: — Corpo de Cristo, hoje maltratado, amanhã decisivamente glorioso na Eternidade.

Vale apenas acreditar em Cristo! Tudo perde, quem não conquistar esta vitória!

É também nesta perspectiva que a Igreja de Coimbra, pelo coração do seu Bispo, pede aos cristãos uma renúncia quaresmal a favor da Casa do Gaiato «e para sermos concretos, motivando à generosidade, direi que o montante da renúncia se destinará, antes de

mais, à Casa do Gaiato. Esta é uma instituição da nossa família cristã, que a Diocese de Coimbra viu nascer no seu seio: os Padres e leigos que a ela se dedicam, bem como os jovens que nela crescem, são irmãos e filhos da Casa, a quem a vida e o mundo suja tantas vezes... Lavemos-lhe os pés com todo o amor.»

Foi também nesta previsão que todos os Padres de Coimbra, com o seu Pastor à frente, nos fizeram chegar um abaixo-assinado de comunhão com o nosso sofrimento, conforto, ânimo e repúdio de todas as calúnias que aspiravam ensombrar a Obra da Rua, pretendendo com o enxovalho assenhorearem-se despoticamente dos pobres e indefesos como seus instrumentos de trabalho, objecto de negócio com o Estado e razão de emprego.

Toda a humanidade é potencialmente da Igreja cristã. «Ide por todo o mundo, pregai o Evangelho a toda a criatura», «o que fizeres ao mais pequenino, é a Mim que o fazes».

O cristianismo não é uma religião qualquer. Ele atinge todos os aspectos da vida humana.

De maneira nenhuma, somente a vida religiosa. Esta é, no cristianismo, a luz que alumia todo o homem. O intelectual. O cientista. O técnico. O artista.

Continua na página 3

Encontros em Lisboa

As obras de arte

IMAGINEMOS que alguém, depois de muito tempo de reflexão, impregnada de muito amor, bastante audácia e muita experiência, criava uma obra de arte capaz de evoluir no tempo, adaptando-se às novas exigências sem ser desfigurada no seu âmago mais profundo. Naturalmente que essa evolução seria sempre na continuidade, nunca deixando que se perdesse a sua originalidade. Para tal, é necessário que quem faz evoluir esteja bem dentro da obra inicialmente criada, de modo que as novas achegas enriqueçam a obra original e ela se torne cada vez mais bela. Caso contrário, os acrescentos feitos à pressa, por quem não está dentro da obra de arte, nem do seu projecto, darão como resultado que ao fim de algum tempo a obra fica desfigurada e mais parece um trambolho ou um estorvo do que um serviço ao bem e à beleza.

Neste momento, em que existem muitos poleiros e, maldição de galo, galo quando está no poleiro tem sempre de cantar, pouco lhe importando se o seu cantar tem afinção que chegue para que daí resulte algum bem ou alguma harmonia. Tenho andado atento ao que se vai ouvindo sobre crianças e jovens em risco. Uma quantia de ideias feitas sobre a família como lugar de crescimento de uma criança, mais uma quantia de ideias feitas sobre futuríveis soluções, mais um lençol de lamentações sobre falta de meios, uma total ausência de soluções preventivas e sempre o verrinoso sobre quem está no terreno e procura soluções para os problemas concretos do dia a dia. Estamos de acordo que o que existe não é o necessário nem o suficiente e nem sempre o mais ajustado para todas as situações. Mas daí até querer destruir o que existe sem alternativas credíveis, experimentadas e de resultados provados vai um passo que não podemos dar, sem corrermos o risco de nos confrontarmos com problemas acrescidos de crianças e jovens que cresceram sem ninguém responsável por perto e que rapidamente encontrarão companheiros, indo engrossar o que já aflige muita gente em termos de segurança de pessoas e bens.

Muito se tem dito sobre nós, nos últimos tempos. Ser espiçado é bom. Distorcer a verdade é perverso. Mantenho a ideia de que as Casas do Gaiato têm evoluído dentro do seu projecto original e que, em termos pedagógicos, continuam uma obra de arte que se tem vindo a enriquecer com o decorrer dos tempos. Querer transformá-las noutra coisa é desvirtuá-las e, ainda por cima, querer que sejam pessoas que não estão por dentro a fazer essa transformação é fazer trambolhos.

Padre Manuel Cristóvão

Setúbal

A Caridade vem de Deus

DAMO-NOS conta que há quem não goste que vivamos da caridade. Que é um modo ultrapassado de viver na partilha das necessidades com os outros. Eles dão-me o que têm, a sua indignância, nós damos-lhes o que temos, o que nos fazes chegar às mãos.

Esta é a Caridade, sem esquecer que tudo vem de Deus.

Também nos damos conta que, quando há necessidade grande, depressa surgem iniciativas a fazer campanhas de solidariedade para com as vítimas dessa grande necessidade. Congregam-se boas vontades para as eliminar ou atenuar, desde os mais altos responsáveis da nação até ao cidadão comum.

Será aquela mais indigna que esta? Não estará a maior popularidade da segunda no conceito ou preconceito para com a primeira?

«A Caridade não se ufana, não se ensoberbece, não é inconveniente, não procura o seu interesse». Estes não são os valores deste mundo, sempre dado às vaidades e às conveniências.

Nem tão pouco a Caridade age por medo ou discriminação. A Caridade não procura exorcizar nada

com a sua acção; antes aproximar, porque é benigna.

Sempre surgem necessidades no meio da comunidade humana. Ora se acentuam umas, ora outras. Não faltam oportunidades para fazer o bem. São oportunidades a agarrar para acrescentar cada um, o seu verdadeiro tesouro.

O conceito que motiva a acção não importa, desde que a mão esquerda não saiba o que faz a mão direita. De outro modo seria desperdiçar a oportunidade e ter recebido já a recompensa.

Em tudo na vida buscamos uma recompensa. Porque não também no seu final?

Padre Júlio

Malanje

Sinto pena ao ver este povo longe da margem do rio

NÃO há vento no planalto e o sol dardejia. Um corvo debica dendê numa palmeira alta.

Salpicando a verdura amorosa do capinzal, as aldeias, com suas cubatas de adobes e capim seco, parecem remendos castanhos na grande manta verde!

O chão das cubatas é terra batida. O luando é colchão e por cima dos sonos profundos só um lençol de pano. O comer, geralmente, é funje. A grande preocupação diária é terem um pouco de óleo e sal. Uma grande parte só planta mandioca. Desta, vem tudo: a roupa, o óleo e o sal. Um pouco abaixo do mínimo devido à dignidade da pessoa humana.

Como assim?, a alegria, a paz e cordialidade que eu vejo e sinto em cada senzala... Pasmado de admiração!

Nos muceques da cidade — menos alegria, pouca cordialidade e medo dos assaltos nocturnos. Pois, nestes, a D. Maria José e Irmã Vitar reuniram dois grandes grupos de mulheres em comunidade de trabalho; os terrenos são preparados com um tractor e elas plantam ou semeiam mandioca, milho, ginguba e hortaliças. Na nossa fazenda da Carianga demos espaço. O grupo respectivo vai todos os dias a pé — 30 quilómetros ida e volta — para plantar e

Continua na página 3

Pelas CASAS DO GAIATO

Conferência de Paço de Sousa

PÁSCOA E LIBERTAÇÃO — «Em cada ano, os cristãos são convidados a recordar, a reviver e a partilhar a história da Salvação realizada em Jesus Cristo e por Jesus Cristo. O capítulo central dessa história é a Páscoa e, por isso, todo o ano litúrgico decorre dela e se encaminha para ela. Tão importante é esse acontecimento que os cristãos têm quarenta dias para o preparar: é o tempo da Quaresma, tempo de purificação que tem a sua manifestação visível na Páscoa libertadora de Jesus Cristo.

A libertação pascal de Jesus Cristo é, fundamentalmente, a libertação do pecado que nos separa de Deus e nos separa dos homens. É por isso, ao mesmo tempo, uma libertação individual, interior, de ordem espiritual, e uma libertação das estruturas do mal, daquelas estruturas em que assentam as injustiças, o subdesenvolvimento, as guerras, a fome e a morte. É também por isso uma libertação social ou 'política', no sentido mais nobre desta palavra.

Nas últimas décadas do século vinte, nem sempre estes dois conceitos de libertação pascal foram assumidos e conjugados harmoniosamente. Foi o tempo de redescoberta da dimensão social do pecado e, por isso mesmo, da dimensão social e 'política' da Páscoa de Jesus Cristo. Não há Páscoa sem libertação, o que significa que não há Páscoa sem libertação dos pobres e dos oprimidos. E tão insistentemente foi a defesa deste conceito que se correu o risco de o sentido de libertação pascal se reduzir a um âmbito meramente político. De outro modo, o esforço pela libertação do pecado corria o risco de se identificar essencialmente com a luta pela libertação política, social e económica dos oprimidos. Por outras palavras, era apenas a libertação dos pecados sociais. Secundarizado ou marginalizado, pelos mesmos aparentemente, ficava o conceito de purificação interior, de libertação das paixões e dos pecados individuais que impedem o encontro e a comunhão íntima de cada um com Deus, Senhor e Pai.

O conceito da libertação pascal de Jesus Cristo não pode ficar reduzido apenas a um destes sentidos. A purificação quaresmal é, antes de mais, uma purificação pessoal, interior: do egoísmo, da inveja, do orgulho, do preconceito, da paixão do poder do dinheiro, da busca do prazer pelo prazer. Mas a libertação pascal deve ser entendida também num sentido mais alargado, o da libertação dos pecados sociais: das injustiças, da exploração e do abuso dos mais pobres, em sentido individual e colectivo. A libertação pascal é mais do que isto, mas também é isto.»

(Nota da Escalada, órgão do Conselho Central do Porto, da S. S. V. Paulo).

PARTILHA — A assinante 69422, de Seixal, 50 euros. «Aos gaiatos, os meus cumprimentos e não só, o regozijo por ver que nem a maledicência de muitos vos atinge. Força em frente! Aqui, junto a uma quantia para O GAIATO e o remanescente para os vossos Pobres, como melhor entenderem. Deus vos ajude, e Pai Américo também, para continuardes a nobre tarefa de que estais incumbidos.»

Regularmente, aparece o assinante 9790, de Perosinho, com 85 euros, lembrando o Santo Padre e pede a Deus uma oração «pelo completo restabelecimento do Pontífice».

Outra presença mensal: 35 euros, de Lourdes, do Cacém. «É muito pouco para tantas necessidades!» Porto: 250 euros, do assinante 32896. «Quanto gasta um idoso com medicamentos!?! Muitos euros...!»

Assinante 11856, do Porto, com 50 euros: «Tenho rezado por vós. Deus vos dê forças para suportarem tantas mentiras nos meios de comunicação social. Os da Segurança Social desejariam que houvesse mais delinquentes na rua, os quais se não tivessem a vossa Casa seria o que aconteceria. Reina tanta insensatez no País! É muito triste quem, como eu, recebi dos meus pais estímulo para amar os Outros e partilhar com os mais necessitados o pouco que tínhamos — e como éramos felizes!»

Contribuição de 30 euros, «relativa a Janeiro, à qual darão o destino que a premência da necessidade exige, satisfação em ser atendida — só vós sabeis», sublinha o assinante 53241, do Luso.

Covilhã: vinte euros, da assinante 74442, «para os Pobres mais necessitados, em louvor do Santíssimo Nome de Jesus». Padroeiro da nossa Conferência.

Assinante 53336, da Capital, «pequena lembrança, de 25 euros, e gosto muito d'O GAIATO e ainda mais de tudo o que a Obra representa em Portugal».

Assinante 275, de Oliveira de Azeitões, parte de 25 euros.

Mais vinte, da assinante 23778, da Covilhã, que acrescenta: «O Pai Américo vos acuda nas aflições por que têm passado». Que bem dito!

Trezentos euros, de Beatriz, de Carregosa, «contribuição de Janeiro e Fevereiro a ser aplicada no que mais necessitarem».

Trinta euros, da assinante 74299, da Covilhã, por alma «do meu filho Fernando».

Cinquenta euros, da assinante 28708, da Covilhã, desejando que «servam de auxílio prestado aos Pobres de Paço de Sousa».

Algés, parte de 500 euros, do assinante 70611, que «gostaria fossem para ajuda de medicamentos aos doentes que socorreis» — e são muitos, são tantos!

Trinta euros, do assinante 422971, de Ovar, «para os Pobres mais necessitados, por diversas intenções minhas».

Vinte euros, da assinante 53277, de Aveiro, «a título de donativo».

Dez euros, do assinante 18913, do Porto. Dez vezes mais, do assinante 28708, de Coimbra. Duzentos euros, da assinante 57002, da Senhora da Hora, com a amizade de sempre. E um remanescente do assinante 17458, de S. João da Madeira.

Em nome dos Pobres, a nossa gratidão.

O nosso endereço: Conferência de Paço de Sousa, ao cuidado do Jornal O GAIATO, 4560-373 Paço de Sousa. Júlio Mendes

Paço de Sousa

DESPORTO — Não. Não era o Barcelona a jogar. Eram os nossos Infantis. Estes receberam o F. C. Cristelo, a quem ganharam por um convincente 7-2. Parabéns a eles e ao seu



Nadia Isabel (11 meses), filha da Sandra e do Artur («Piasquinha»).

treinador, que dá pelo nome de «Botija». Está provado que ninguém faz falta...! O que é preciso é gostar dos Rapazes, e não lhes virar as costas, quando é preciso trabalhar.

Os Juvenis receberam o Atlético Clube de Gervide, a quem ganharam, com golos de: «Bolinhas» (2); Abílio (2) e «Carlos Pote» (1), contra dois do «adversário». Um desafio de futebol com duas partes distintas, mas em qualquer delas, com muito futebol e bem jogado.

Já os Seniores receberam o M.T.B. (Valpedre), um desafio que não podia ter tido um começo pior para nós. Ainda não tinha chegado a meio da primeira parte, já o marcador assinalava um frustrante 0-3. Foi então que saltou do banco um meio-campista para ser o homem do jogo. Chama-se Serafim. Que grande jogo, ele fez! A partir daqui tudo foi diferente, ao ponto de, no final dos 90 minutos, o resultado se ter fixado num asfixiante 8-3. Assim, sim!

Os Juvenis receberam os Alunos de Almeirim F. C. que militam no Campeonato Distrital da A.F.P., a quem ganharam por um soberbo 5-1. Muito futebol, muita garra, e muita determinação perante um adversário que se apresentou forte, coeso e a praticar um futebol ao primeiro toque.

Uma semana depois, os Seniores, com algumas mexidas na equipa, receberam os Juniores do Águias Livração Atlético Clube, com quem perderam. No entanto, ao contrário do que se tinha passado em Parada, houve garra e vontade de vencer. A sorte não quis nada com os nossos Rapazes, e depois de tantas golos terem falhado, acabaram por ser vítimas de um resultado injusto.

No dia seguinte, Domingo, os Infantis receberam o Leixões Sport Clube. Os leixonenses traziam a lição bem estudada e não foram em cantigas, vencendo por 1-2. Mas tudo correu bem e ficou o convite feito para nos deslocarmos a casa deles, logo que haja disponibilidade de ambas as partes. Com a equipa do Leixões veio muita gente para aplaudir os «craques» de palmo e meio que se portaram melhor do que alguns que têm a mania que são muito altos...!

CAMPEONATO INTER-CASAS DO GAIATO — A Obra da Rua nasceu em Miranda do Corvo. A sede da Obra é, por assim dizer, em Paço de Sousa. Também o Campeonato Inter-Casas do Gaiato, de 2005, se iniciou em Miranda, onde fomos recebidos pelo nosso Padre João, com aquele amor e carinho que, para nós, já não é novidade. No que diz respeito aos Rapazes, também nos receberam impecavelmente. Falando do jogo, bom!, aí, já as coisas não são bem assim. Primeiro, o campo é pequeno de mais, o que torna difícil construir

qualquer jogada. Pontapé para o ar, não é o nosso estilo, mas quem dá o que tem, a mais não é obrigado. Segundo, fazer um jogo de «competição», sem redes nas balizas, até dá ideia que estamos na hora do recreio. Terceiro, realmente a equipa de arbitragem sabia bem o que estava a fazer. Há quem diga que o nosso Paulo, «Mudo», não sabe arbitrar, e faz muitas asneiras, é verdade, mas por falta de conhecimento. Aquele trio de «canários», sabiam bem para que tinham sido convidados!... Por último, ver a braçadeira de treinador no braço de um; e quem dá indicações para dentro do campo e prepara os jogadores antes do jogo, ser uma pessoa de fora, bom!, para quem ainda não sabe ou não convém saber, nós somos uma Obra de Rapazes, para Rapazes, pelos Rapazes, quer estejamos fora ou dentro da Casa.

Conclusão: um resultado bem trabalhado: Miranda do Corvo 3 — Paço de Sousa 1.

Pelo telefone, soubemos que o resultado entre Setúbal e Tojal registou um empate a duas bolas.

Alberto («Resende»)

Santo Antão do Tojal

NUNCA MAIS CHOVE! — Os nossos campos necessitam urgentemente da preciosa chuva para que as nossas sementeiras possam nascer e crescer. A chuva que tantos incómodos dá aos cidadãos é um bem indispensável aos agricultores. Já preparámos a terra para semear a batata, só falta a chuvinha. Rezemos a bem, para que volte depressa.

ENSAIOS DE TEATRO — Começámos em força a preparar o nosso teatro. Os rapazes estão animados. Os ensaios têm decorrido com normalidade. Claro que temos de conciliar os tempos de estudo com estas actividades. Brevemente, anunciaremos os locais onde iremos actuar. Contamos com a presença dos nossos Amigos leitores.

FOLCLORE — Não é só saudade! Na nossa Casa do Gaiato os rapazes têm imensas actividades no exterior. Uns praticam desporto, outros fazem parte de grupos musicais, de escuteiros, de grupos de capoeira, mas é o folclore, de vários Ranchos do concelho de Loures (Verde Minho, Os Frieleiros e os Florinhas do Alto Minho), que ocupa muitos gaiatos que já são brilhantes bailarinos e vêm contribuindo na divulgação por esse País fora, dos dançares e cantares mais genuínos do nosso lindo Portugal.

O nosso Ranchinho é também muito apreciado por todos aqueles que assistem às nossas Festas.

Turma do 2.º Ciclo EB Recorrente

Setúbal

OBRAS — Já acabaram as obras à frente da Casa. Os rapazes andaram a pôr esterco nos canteiros, para depois se semear flores e relva. Na piscina andam a pôr os tubos que levam a água aos filtros. O sr. Paulo está a aca-

bar a casa-das-máquinas e a fazer umas escadas no interior da piscina.

VACARIA — Nasceram dois bezerros. Um deles custou a sair de dentro da mãe. Estamos a fazer as camas das vacas. Um senhor de perto de nossa Casa, ofereceu a areia. O «Fernandinho» andou a limpar a estremeira. O esterco serve para pôr nos nossos terrenos, onde a gente semeia o milho, a cevada, e na horta.

RAPAZ — O Fábio Afonso voltou para a nossa Casa, depois de ter estado quase um ano fora da nossa casa e na de sua mãe. O tribunal mandou a polícia ir buscá-lo a casa da mãe e trazê-lo para cá. Ele anda satisfeito por vir para cá, de novo.

CARNAVAL — Nós passámos o Carnaval a brincar. Andámos a mandar balões de água uns aos outros. Os rapazes da primária foram, mascarados, desfilar para Setúbal. O Carnaval foi divertido para todos nós.

Horácio

Associação da Comunidade «O Gaiato» de Setúbal

BUSTO DE PAI AMÉRICO — Tem sido um trabalho de paciência e dedicação. É assim que nós nos sentimos. Alcançámos os seiscentos euros, para os quinze mil, ainda muito falta. Organizámos um espectáculo de variedades, para se angariar fundos. Será numa terra do concelho de Palmela, que, há largos anos, nos dispensa um carinho muito especial e desmedido: a Quinta do Anjo. A 5 de Março, pelas nove horas da noite, um grupo de artistas de Setúbal, graciosamente encantarão aquelas bandas. Esperamos ter uma boa sala, um convívio cheio de calor. Planeamos outro em Setúbal, para Abril.

O cinquentenário do nascimento da Casa do Gaiato de Setúbal, que celebraremos a 3 de Julho deste ano, vai ser completo. O nosso trabalho e a vossa ajuda será como um só corpo. Pode enviar o seu donativo para a Associação da Comunidade «O Gaiato», Rua Morgado de Setúbal, 91, 2910-672 Setúbal.

Agradecemos a vossa colaboração, obrigado.

César Amante

Estamos no domingo, 6 de Março, altura em que vos escrevo. Faço-o no sentido de vos dar conhecimento das nossas diligências para angariar fundos, destinados ao busto de Pai Américo e das minhas andanças pelas nossas Casas de Setúbal e do Tojal.

Ontem, na Quinta do Anjo, houve festa. Uns amigos nossos, artistas da nossa terra, quiseram dar-nos uma mãozinha. Nós tratámos da logística, da propaganda, do som... Uns, dumas coisas, outros doutras... Cada um naquilo em que melhor se desenrasca e sabe fazer. Muito ao estilo de Pai Américo: «... pelas Rapazes». É aqui que reside a diferença. E é aqui que, onde outros fazem demagogia, nós somos bem sucedidos.

Pena foi que as gentes daquela terra andem um pouco desarredadas de nós

Momentos...

... em Moçambique

É já em Portugal que recordo as vivas impressões da nossa Casa de Moçambique onde estive dez dias.

Ao longe, o conjunto da Aldeia, disposto numa elevação, parece um magnífico complexo turístico, realçado pela cúpula da Capela, um cone de 30 metros de altura, suspenso no ar, em colmo à maneira africana.

A casa-mãe, com refeitório, cozinha, despensas, armazéns frigoríficos, etc., cinco casas de habitação para rapazes, posto médico, escolas e jardim infantil compoem o agregado da Aldeia, mergulhado na frescura de muitas árvores e flores. Afastadas e no sopé do mesmo monte, encontram-se as oficinas de carpintaria, serralharia e o estaleiro de confecção de blocos de cimento para obras em construção. Mais longe instalações de pecuária com cabras, galinhas de carne e poedeiras, perus, patos e gansos, frangos de engorda para gasto da Casa e venda e uma enorme pocilga com capacidade para 2000 porcos.

A área agrícola é vasta. Embora a propriedade tenha muito mais terreno pedregoso e de montanha que só poderá fornecer pastagem para o gado e liberdade aos rapazes. A Casa, com centena e meia de habitantes, dá escola até à nona classe dentro da Aldeia aos nossos e aos da vizinhança.

Só após esta etapa saem de Casa para o ensino público, para as oficinas ou seguem outras profissões. O ambiente é muito calmo e afectivamente rico!

Os pequenos de 3, 4 e 5 anos emprestam frescura e amorosidade a todos os rapazes que os torna também afectuosos.

Em quase todas as mesas, na grande sala de jantar, há um pequenino.

Os maiores tomam conta às refeições. De quando em vez, surge um grito e lá se levanta a Mãe da sua mesa para consolar, corrigir e amparar.

Os maiores aprendem assim a sofrer e a educar os pequeninos, como também se educam a si próprios.

A Mãe Quitéria, de extraordinária fecundidade, está sempre alerta e lá vai!

Com a intervenção dela todos se enriquecem: Os pequeninos confortam-se, vencem as birras naturais próprias da sua infância, e os maiores vão aprendendo a consolá-los e a ajudá-los a vencer as dificuldades espontâneas das crianças.

O Padre José Maria tem-se desdobrado em iniciativas, dentro do espírito da Obra da Rua, fazendo seus filhos todos os pobres e por eles sofrendo tudo.

N'O GAIATO de 19 de Fevereiro passado, falava ele dos centros de apoio de Mailane, Changanane, Manhane e Massaca, com suas Cresches, mas não disse que nestes centros funcionam escolas com 200, 300 e 400 alunos cada, que ele paga parte dos professores e dá, nos dias de escola, a todas as crianças uma refeição ao meio-dia.

São 2000 refeições em cada um dos cinco dias da semana.

Não referiu também que cada centro possui um posto médico com uma enfermeira e um técnico de saúde, um berçário, onde acolhe durante meses bebês subnutridos até adquirirem equilíbrio físico. Mais ainda, uma sala de partos!

Cada um destes centros é um grande empreendimento de projecção humana e apostólica de incalculável valor.

Muitos destes enfermeiros e técnicos foram formados e são assistidos pela Maria José — uma rapariga espanhola, professora de enfermagem, que anda sempre numa roda viva para estar presente em todos os lados. Estes centros situam-se num raio de 100 km e as estradas não se apresentam em bom estado, só uma grande força interior que brota do amor de Deus é capaz de aguentar tal esforço!

À noite, a Maria José regressa à Casa do Gaiato onde acolhe também os rapazes, come, convive e dorme.

É uma doação e um testemunho de grande impacto na alma de quantos beneficiam ou mesmo só observam.

Em muitas aldeias, o Padre José Maria fez furos para que as populações tenham água potável e se abasteçam para as inevitáveis necessidades!

É muito bonito ver à roda do furo os grupos com as suas jarras, bilhas e cântaros dar à bomba manual e regalar-se do precioso líquido.

Recordo que há 14 anos, quando percorri aquelas terras, havia mulheres que andavam a pé 15 quilómetros para carregarem um cântaro de água!

Como deve saber bem àqueles pobres um benefício destes.

Mais ainda. Não se chama Património dos Pobres, mas pelas mãos e pela alma deste Padre da Rua, já passaram mais de 1500 casas, construídas para substituírem palhotas! São

habitações pequeninas, com duas divisões, uma janela e uma porta, chão de cimento, mas que diferença de nível acima de uma cubata?!

Também não existe o Calvário, mas uma pequena Aldeia com doze casinhas individuais para idosas desamparadas. Em África, a mulher é a grande heróina da humanidade e a mais desprezada quando envelhece.

A alimentação, os cuidados médicos e medicamentosos!... — tudo está a cargo da Casa do Gaiato.

Na Massaca funciona, ainda, em tempo pós-laboral, o 11.º e o 12.º anos. São 400 jovens. Rapazes e raparigas. Orientação e despesas da Casa do Gaiato. Tem havido a colaboração de muitas entidades, especialmente da Cooperação Espanhola e outras, mas tudo passa pela clivagem, responsabilização e impulso da Casa do Gaiato.

A formação profissional e o convite ao trabalho é outra vertente da Obra em todos os centros, com carpintarias, serralharias, salas de estudo e de costura, construção de blocos e a orientação da jovens mães no cuidado de si próprias e dos seus bebês.

Em nenhum livro caberia a descrição da actividade da Obra da Rua naquele País.

Guardo na minha memória, de forma inesquecível, aquela multidão de crianças em Manhane, cerca de 200, sentadas no chão em círculos de 5 e 6, com um prato no meio cheio de arroz com tomate, a comerem à mão do mesmo prato. Senti de novo a multiplicação dos pães e o amor Vivo de Deus.

Padre Acílio

Malanje

Continuação da página 1

tratar. Como admiro estas mulheres — algumas com seus bebês — nesta luta contra a fome!

Sinto pena — uma certa frustração — ao ver este povo longe da margem do rio profundo, de riquezas que se esvai.

É duro o arrancar o comer à terra, por estas santas de Deus! Vejo-as caminhar todos os dias... Passos de milagre e de calvário! Quando lhes dou boleia — batem palmas contra o meu coração angustiado. As palmas fazem grito que, tal como o rio, se esvai no verde da pradaria.

Padre Telmo

e que, onde outrora teríamos casa cheia e feito sucesso, agora tivemos apenas 42 pessoas a assistir ao espectáculo, onde artistas como: César Augusto, Georgete Jesus, António Serrano, Marinita, Fernando Machado e Ana Isabel, deram o seu melhor. Este espectáculo rendeu apenas 210 euros. Não fora a carolice de todos quantos participaram e nos ajudaram e não teria valido a pena.

Aliás, o Sul, em matéria de ajuda para o busto, está a perder com o Norte por larga margem. Eu sei que os tempos vão difíceis e que vos poderá parecer supérfluo este nosso empreendimento. Mas considero ser esta a altura ideal para homenagearmos este grande vulto do nosso tempo, este homem que tanto fez por esta nação, em especial pelos mais desfavorecidos, em tempos bem mais difíceis. Não se trata de um capricho nosso,

mas sim de uma homenagem profunda, sincera, sentida e atempada. Hoje, tal como ontem, a sociedade degrada-se cada vez mais e é absolutamente necessário alertar as mentes para esse problema. E esta pode muito bem ser uma via.

No dia 3 de Abril irá decorrer, em Setúbal, outro espectáculo, no Centro Paroquial de Nossa Senhora da Anunciada, com estes e outros artistas. Apareçam em força...! Cá vos esperamos.

Ainda não chegámos aos mil euros, pelo que ainda falta muito para atingirmos o nosso objectivo. Apelamos, também, a alguns antigos gaiatos que colaborem e venham até nós — que não seja só para os comes e bebes. A todos agradecemos desde já a vossa muito humilde e nobre contribuição.

Hoje, Domingo, fomos à nossa Casa de Setúbal assistir a um dos jogos do torneio inter-casas: Setúbal-Tojal.

Fernando Pinto

Páscoa

Continuação da página 1

A fé puxa pelo homem até à perfeição em todos os domínios.

Reduzir o cristianismo à vida religiosa é uma aberração que só a ignorância pode admitir.

O cristianismo é vida humana em plenitude até ao máximo da sua perfeição.

A fé em Jesus Cristo compromete a nossa vida com todos os

homens, e com o universo das suas actividades, obriga-nos a sentir o mistério não só desta realidade que é a Igreja, mas também a capacidade de abarcar em si, todos os homens.

Nesta fonte nasce a Obra da Rua, nesta fé se alimenta, se projecta e se recicla, pois os pobres e os aflitos continuam a bater-nos à porta intensamente, não só a pedir que os ajudemos, mas sobretudo que nos demos a eles.

É a nossa Páscoa!

Padre Acílio

DOCTRINA



Não profanem as coisas santas

NO conceito unânime das gentes, como andamos todos, às usanças do assistir, ao tempo em que a Casa do Gaiato se estabeleceu em Paço de Sousa, logo no Porto se considerou mais um estabelecimentozinho a formar uma linha e na linha dos mais. Daí o começo a Instituição infante a receber heranças e esmolas do estilo, tais quais as compreende e aceita o Clero, a Nobreza mai-lo Povo. Começou-se por uma herança de cem escudos por mês e durante trinta e seis deles, para a qual se torna necessário preencher setenta e dois recibos, ir ou mandar receber; e por muitas outras formas e títulos, perder tempo com a supracitada deixa. Vieram a seguir as clássicas esmolas do funeral dos entes mais queridos, publicadas nas gazetas do dia, consoante a etiqueta social. Iriamos receber ou aceitávamos o que nos dessem, sim, mas arrastados, vencidos, cheios de humilhação. Porém, como quer que saísse a lume uma pontinha do nosso protesto interior, tanto bastou para sermos postos na lista negra, falando à moda dos tempos. Nunca mais se recebeu coisa nenhuma! Acho bem. Foi mesmo muito bem feito. Pela boca morre o peixe.

NÓS somos gente de trabalho. Dentro das nossas Casas, trabalhamos mais de oito horas por dia. Os cozinheiros nunca arrumam antes das vinte e duas; e os roupeiros, muitas vezes, ouvem dar as vinte e três horas na torre da igreja, ocupados com os seus trabalhos. O trabalhador não tem necessidade de mendigar. Dentro de uma verdade superior e eterna, ele é digno do seu salário, que não de esmolas. Moeda forte, garantia de vida, defesa da miséria — o trabalho é a divisa das Casas do Gaiato.

ASSIM constituídos e orientados, esperamos, sim, uma acção supletiva de quem quer que seja, em virtude da própria natureza da Obra. Apreciamos sobremaneira o auxílio de todos, quando ele é discreto e se esconde por detrás da mão que dá. Sim; apreciamos. Mas, ai!, que dor ver o nome da Casa do Gaiato, como era costume ver-se, publicado na lista dos miserandos, quando havia dinheiro a distribuir.

OS pequeninos das nossas Casas estão sob a tutela dos portugueses; e, por não terem ninguém no mundo, são património da Nação. Os seus bens são as qualidades e defeitos com que se apresentam. Ao tutor, que és tu mesmo, compete valorizar, fazer render a herança de cada um, por obrigação e sem favor. Os homens que, pela bondade de Deus, tomam sobre os seus ombros esta gloriosa Cruz, sabem que são obreiros da Humanidade, trabalhadores de primeira linha. A humildade é a verdade. Quando passo em silêncio por um grupo de pequeninos ceifadores, ou de cavadores de enxada, ou pastores do rebanho; quando entro em qualquer das nossas oficinas e observo os rapazes no seu posto; quando assim faço, digo, vou direitinho à história de cada um que em todos é igual — farrapos que foram! É então que me encho a mim mesmo de verdade, de certeza, de razão. É então que interiormente começo a desdobrar a vida daquele mesmo pequenino que tenho ali aos meus olhos, o qual beijo muitas vezes na fronte, como fazem os cegos aos filhos que adoram, com receio de os perder de vista. É então que, fora dos muros da nossa Casa, muito para além dos montes, eu vejo o tugúrio, a viela, a miséria; vejo o código, os juizes, a prisão. E naquela terrível visão, cinjo os meus filhos ao peito com medo que eles se percam, a chorar de contente.

Risquem o nome das listas da esmola que se destina à publicação. Tirem o nome das festas, do cartaz do mundo. Não profanem as coisas santas.

(Do livro Doutrina, 1.º vol.)

Moçambique

Crianças e idosos

O impacto na nossa sensibilidade cristã, na chegada a estas terras de Massaca, foi um alerta para o que Deus iria pedir de nós. Tantas pessoas entregues à sua sorte ou melhor dito, à sua fome, atingindo a mortalidade todas as idades, provocada pela malária e desnutrição. A análise do problema levou-nos à descoberta fácil da falta de acesso à saúde mais elementar, que começámos a prestar em nossa Casa e a meios de subsistência.

Nos primeiros anos foi um trabalho feito caoticamente, sem meios, sem lugares adequados e sem tempo programado. Quantas idas ao Hospital de Boane das dez da noite à uma da manhã, quebrando o repouso e a presença junto dos Rapazes que ao fim de um ano já atingiam a centena.

Hoje, falarei apenas de como atendemos crianças e idosos. Para estes dispomos de quinze vivendas, só na Massaca, com quarto, sala, cozinha e banheiro completo, mas ainda sem água corrente, pequena horta, com fontenário bem central. Todos recebem alimentação adequada. Vovó Ade-

laide, apesar dos seus 82 anos, é a Provedora bem atenta, assim como a mais quase trezentos que semanalmente recebem apoio alimentar e se remediavam em suas habitações.

Para bebés, cuja desnutrição é já doença, temos assistência em seis Berçários, dirigidos por uma Enfermeira Pediatra, com a supervisão da Maria José. Acompanhados a todo o momento, de manhã à noite, por pessoas com formação adequada, que lhes prestam todos os cuidados em higiene, medicamentos e alimentação, confeccionada no próprio berçário. Hoje já aparece leite em pó e compostos de leite no mercado local, onde por ano vamos buscar cerca de duas centenas de sacos, além do que nos vem de Portugal e Espanha. Mas a alimentação não se resume a isso. Já é prática corrente desidratar vegetais que são reduzidos a pó e adicionados às papinhas.

Quando superam a crise, alguns passam ali até dois anos de tão desnutridos que chegaram, são acompanhados semanalmente pelo controle de peso e as mães levam apoio alimentar. Estas, entretanto,

tiveram cursos de formação sobre os variados cuidados maternos. Providenciamos em nome daquele que é a Providência a mais de 300.

Para as crianças de 3 a 6 anos, temos as Creches, seis também, frequentadas por cerca de mil e quatrocentas crianças, que após o pré-escolar transitam para o ensino público. Todas são sujeitas semanalmente a vigilância de saúde e recebem alimentação cuidada. Não fica por aqui o nosso zelo. Somos uma Obra da Igreja que antes de mais tem de humanizar e só depois pensar em cristianizar. «Primeiro pão. Um ano ou mais de pão e, depois, coisas mais altas», dizia Pai Américo. Todas as Creches têm monitoras com o mínimo da décima classe, algumas a fazer cursos médios superiores de educação infantil em Institutos Pedagógicos, bem como enfermeiras formadas em vários níveis do ensino oficial de Saúde. Fazemos o que podemos de nossa parte, agora secundados por muitas jovens que ao longo destes anos concluíram a décima classe na nossa Escola da Casa, participam na Comunidade Cristã da Massaca e vão fazendo com a ajuda de Deus e dos nossos amigos voos mais altos. Relançando um olhar abrangente, podemos exclamar, como tantas vezes oiço à Irmã Quitéria: «Só Deus!» E ficamos abismados!

Padre José Maria

Cooperação

O Luís Alferes chegou ontem depois de vários meses à volta da burocracia do visto consular.

O Luís é de Malanje há muitos anos. Conheci-o pequeno, menino de escola ainda na da nossa Casa, depois na Escola Secundária na cidade, onde fez o 12.º ano na área de Enfermagem. Curso naturalmente pobre e paupérrimo no que diz respeito à prática, porquanto faltava tudo quanto era necessário ao seu exercício.

No Verão passado em visitas ao Hospital de lá, notei ligeira melhoria, fruto da prioridade do novo Governador da Província posta nos Serviços de Saúde. Ainda assim quem tiver de recorrer a estes Serviços, tem de prover por si desde a roupa de cama às refeições, passando por todo o material indispensável aos tratamentos, remédios... que agora já há algumas farmácias na cidade e algo que comprar, assim haja kwanzas para o fazer. Nós temos lá um anjo da guarda chamado Irmã Socorro que faz mesmo «milagres» em favor dos mais pobres dos Pobres. No tempo em que o Luís tirava o seu curso o panorama era bem mais negro.

Em Luanda creio que já funciona um curso de enfermagem a sério. Mas quem chega ao Piaget?! E o Luís precisa mesmo de começar a trabalhar. Por isso veio. A Casa de Saúde da Boavista abriu-lhe as portas. E no Instituto Ricardo Jorge há também a promessa de que sim — o que permitirá uma preparação no domínio das análises clínicas, que ele poderá aplicar no Laboratório que a Congregação «ad gentes» a que pertence a Irmã Socorro, está construindo pertinho do Hospital de Malanje.

Tudo simples. Não houve nenhum recurso que pesasse em qualquer orçamento de Entidade importante, a não ser no nosso — a viagem que, por sinal, é notavelmente cara ao pé dos preços que agora as Companhias Aéreas praticam por todo o lado, onde o Turismo tem interesses e promoções.

Ora o Luís tinha nas suas mãos e apresentou Declaração da Casa de Saúde estimando em um ano, ao menos, o tempo preciso ao seu estágio, e outra da Obra responsabilizando-se pela sua manutenção, enquanto cá e pelo seu regresso a Angola cumprido o objectivo. Porque não lhe deu o nosso Consulado visto para um ano? Porque tivemos de mandar-lhe nova declaração referindo objectivo turístico e de visita familiar, a que corresponde o visto de um mês e a cansa de o revalidar todos os meses?!

Dói esta falta de sentido de Cooperação num Estado que tem órgãos instituídos para ela, dos quais não sabemos o que tem feito e sabemos alguma coisa do que estorva. Um mundo de inércias, ao longo destes trinta anos, em sectores que deviam ter sido olhados e trabalhados como muito importantes desde a primeira hora! Padre Manuel António, nos seus escritos de Benguela, tem referido com frequência esta omissão, nomeadamente nas áreas da saúde e da escola.

O que o Luís vem fazer é um enriquecimento para ele, sem dúvida; mas é-o igualmente para o seu País, tão pobre de quadros a todos os níveis. Tal como com ele, cá não temos tido dificuldades, graças a Deus, com os vários rapazes das nossas Casas de África que têm vindo com problemas de saúde que lá não tinham resposta e já nem seriam deste mundo se não tivéssemos chegado na hora. Sempre encontramos disponíveis Hospitais, médicos, centros de tratamento aos quais os levámos e que fizeram o seu melhor. Aqui não encontramos interpretações a complicar o que simplesmente, por humanidade, se pode e deve fazer, nem qualquer tipo de discriminação. Honra lhes seja!

A propósito das nossas queixas sobre a pobreza da nossa Cooperação oficial (tanto de substancial que poderia estimular e facilitar, até sem dispêndio de avultadas quantias!), recebemos há meses uma ressonância de alguém de lá que acusou o toque. Quem dera que ele soasse ainda e que o próximo futuro intensificasse o som e o tornasse verdadeiramente incomodativo!

Padre Carlos

Pão de Vida

Janelas de Esperança

MUITAS centenas de crianças e adolescentes de Escolas Básicas e da Catequese têm escolhido a nossa Casa como meta das suas visitas. É uma sobrecarga demasiada, que não se alijou. Requer orientação, no sentido do respeito pelo espaço físico e pela vida *sui generis* da nossa Comunidade. Somos uma família, em que os filhos têm o seu tempo organizado. Esperamos que, nos dias de hoje, dar ocupação conforme a evolução das crianças, não seja uma ofensa à psicopedagogia.

Vêm ao encontro de um modo de vida, relacionado com o das primeiras comunidades de discípulos, que inquieta até os mais letrados, pela sua simplicidade e porque não estamos comprometidos com os poderes, mas à margem da insegurança social. Os nossos rapazes não são menores em risco; vivem na sua Casa e alguns, nas ditas instituições oficiais, já teriam ultrapassado a idade de permanência.

Carregam-se alguns males familiares e sociais que afligem o nosso tempo, o qual tem aqui um termómetro actualizado; e aprende-se a educar os nossos filhos na vida real, de todos os dias, bem cheios.

A clara predilecção pelos mais débeis, cujos nós familiares se quebraram, vai na linha do Profeta galileu, que não teve dúvidas em ir ao seu encontro e comer com eles. Uma acusação contra Jesus teve por base o Seu compromisso efectivo e afectivo com os desprezados: «és um samaritano»...

Quem percorre a nossa Aldeia, cujas casas foram concebidas em jeito familiar e por escalões etários, não pode ficar surpreendido com a continuidade de janelas abertas,

mesmo com o mercúrio em baixa, que não afecta muito os rapazes. Acabo de recolher à casa dos maiores e a aragem fresca das trevas invade a escadaria interior.

Uma família com muitos filhos, ainda, não é uma organização massificante. Cada um tem um rosto, um nome, um lugar à mesa, uma história, cujas páginas sem graça foram sepultadas nas gavetas do arquivo, a proteger de investigadores atrevidos. O seu percurso pessoal acontece como em qualquer família cristã. Tem rasgos de escândalo e audácia, hoje, ser uma família prolixa.

Às janelas das nossas casas acontece uma transgressão ocasional: nos parapeitos das janelas, alguns põem a sua roupa, da moda, a secar,

que os ventos deslocam para a lavandaria; onde devia parar mais o Joel, «Torrado», que não larga a bola das mãos e deixou abrir a sua cabeça.

Do portão às janelas das construções, os nossos caminhos estão abertos, mas não são públicos. Por isso, uma dúzia dos mais espigados reclamou as chaves dos seus armários, com as portas refeitas pelos carpinteiros.

Deve ter sido este o ofício artesanal de Jesus, numa terra com fortes contrastes sociais, em que os comprometidos com o poder de ocupação romano motivaram a Sua condenação e humilhação na Cruz.

Não foi uma alucinação de Maria Madalena que levantou Jesus da tumba. É o Senhor vivente que Se mostra vivo!

Se rasgarmos uma friesta no nosso coração, um raio de luz ajudamos a abrir os olhos para vermos das janelas, logo pela manhã, as primeiras flores que se desenhavam no nosso jardim!

Padre Manuel Mendes

Benguela

Estrada da Quaresma

RECEEI, desta vez, pela falta de compromisso de me encontrar convosco todos os quinze dias. Um paludismo violento e teimoso empurrou-me para o hospital. Era, por sinal, uma clínica privada, onde fui tratado com todo o carinho, sem me poupar a mais de uma dúzia de balões de soro com quinino. O último deles foi suave e doce: Já está tudo pago; o Gabriel entendeu-se connosco, disse o administrador. O Gabriel é um

rapaz dos meus, há muitos anos na vida.

Costumo fazer, do mesmo modo, à multidão de filhos e filhas, crianças, adolescentes e jovens, pais e mães que batem à nossa porta, vergados pelo peso da doença. O paludismo mata muita gente. Desta vez, fui eu o apanhado a sério. Quiseram levar-me para o melhor lugar. Resisti, mas acabei por ser vencido, graças ao carinho do Pai nas pessoas que me trataram.

Vamos na estrada da Quaresma. Todas as tardes, à hora em que escrevo, oiço a mesma Palavra, ao jeito de uma martelada, a dizer-me: «Reparte o pão com o faminto, dá pousada aos pobres sem abrigo, leva roupa ao que não tem que vestir e não voltes as costas ao teu semelhante». Nenhum destes termos me é estranho. Vejo-os por todos os lados. Neste momento, vieram dizer-me que as dez toneladas de milho, compradas há menos de um mês, já se foram em farinha para a alimentação. Ando com a cabeça às voltas a ver onde ir comprar outras tantas até que chegue o nosso, que ainda está no campo.

Não sentes uma inquietação semelhante? Entrei com muita alegria na casa da Elisa. Agora cha-

ma-se casa. Antes vivia no chão. Tem o nome da minha mãe, por isso sinto por ela um nadinha de mais ternura. Tem três filhos e vive feliz, mesmo sem o marido. «Dá pousada aos pobres sem abrigo» é palavra de ordem. Quem dera possa chegar a todos os que estão à espera. Não queria ver mais casas derrubadas pelas chuvas e enxurradas dos rios. queria ver pequenos planos de urbanização nos bairros, onde se pudessem construir casinhas melhoradas, com material definitivo, em lugar seguro. Estou cansado de ver e calcorrear os becos sem saída dalguns bairros, que não sei como classificar. Aí vivem e morrem irmãos meus em condições indignas. Também são irmãos vossos.

Padre Manuel António